

PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO DE VERBOS DEADJETIVAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O SISTEMA DE CASO EM TENETEHÁRA

Quesler Fagundes CAMARGOS¹
Universidade Federal de Minas Gerais
queslerc@yahoo.com.br

RESUMO: No âmbito da teoria gerativa e da tipologia linguística, a língua Tenetehára (pertencente à família linguística Tupí-Guaraní) exibe cisão no sistema de Caso. Neste sistema, o sujeito (A) de transitivos alinha-se com o sujeito (Sa) de inergativos, por um lado, e o objeto (O) de transitivos alinha-se com o sujeito (So) de verbos deadjetivais, por outro lado. Diante destas considerações, este trabalho examinará as consequências que a causativização exerce sobre o sistema de Caso. Veremos que, quando os verbos deadjetivais são causativizados, ou seja, tornam-se verbos transitivos, há uma mudança do padrão Absolutivo para o Nominativo-Acusativo. Além do mais, observaremos também que, quando os verbos transitivos são causativizados, o sujeito do verbo transitivo é demovido de sua posição básica para a posição de oblíquo. Isto, em termos de Caso, demonstra a seguinte implicação: o sujeito do verbo transitivo inicial deixa de codificar o Caso nominativo para acionar o Caso oblíquo licenciado pela posição.

PALAVRAS-CHAVE: Tupí-Guaraní; Tenetehára; Causativização; Teoria de Caso.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar um conjunto de dados que demonstre a estrutura argumental da língua Tenetehára. Inicialmente descreveremos o processo de causativização de predicados deadjetivais e de predicados transitivos para, posteriormente, examinarmos o mecanismo de licenciamento do Caso aos DPs que sofrem mudança de função sintática decorrente da causativização.

Este artigo está dividido em 7 seções. Na seção 2, apresentamos os prefixos nominativos e absolutivos, conforme Duarte (2007). Na seção 3, mostramos os fatores que condicionam a cisão do sistema de Caso, seguindo a proposta de Dixon (1994). Na seção 4, exibimos os dados de causativização que subsidiarão nossa proposta teórica, conforme Camargos e Duarte (2011). Na seção 5, examinamos a estrutura argumental nessa língua à luz das propostas de Larson (1988), Chomsky (1995), Hale e Keyser (1993, 2002) e Pylkkänen (2002). Na seção 6, investigamos as consequências que o processo de causativização exerce sobre o sistema de Caso na língua em tela. Por fim, na seção 7, as considerações finais.

2. Prefixos nominativos e absolutivos

Assim como ocorre nas demais línguas Tupí-Guaraní, os sintagmas nominais em Tenetehára não recebem desinências de Caso para distinguir os DPs na função sintática de sujeito e de objeto. Estas funções, como veremos, são codificadas por meio da série de prefixos nominativos e absolutivos e por meio dos pronomes pessoais que, em geral, vêm proclíticos ao verbo. Estes prefixos podem ser visualizados a seguir:

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

Quadro 1: Marcadores nominativos e pronomes pessoais

PESSOAS	PRONOMES PESSOAIS INDEPENDENTES	PRONOMES PESSOAIS CLÍTICOS	PREFIXOS PESSOAIS NOMINATIVOS
eu	ihe	he	a-
nós _{INCLUSIVO}	dane	dane	si- ~ da-
nós _{EXCLUSIVO}	ure	ure	uru- ~ oro-
tu	ne	ne	re-
vós	pe	pe	pe-
ele	-	-	u- ~ o- ~ w-

Fonte: Duarte, 2007, p. 44

Quadro 2: Prefixos pessoais absolutivos

PESSOAS GRAMATICAIS	RAIZ INICIADA EM CONSOANTE	RAIZ INICIADA EM VOGAL	TRAÇO DISTINTIVO
1 ^a /2 ^a	ø-	r-	[+PESSOA]
3 ^a	i-	h-	[-PESSOA]

Fonte: Camargos, 2010, p. 27

3. Cisão do Sistema de Caso em Tenetehára

Tipologicamente, de acordo com Dixon (1994), os fatores que condicionam a cisão do sistema de Caso nas línguas naturais são:

- (1) i. natureza semântica do verbo;
- ii. natureza semântica do NP;
- iii. condição do tempo, do aspecto e do modo da oração;
- iv. o estatuto gramatical das orações (se a oração é principal ou se é subordinada).

A seguir, analisaremos quais são os fatores que condicionam a cisão do sistema de Caso em Tenetehára.

3.1. Cisão condicionada pela natureza semântica do NP

A língua Tenetehára, assim como as demais línguas da família linguística Tupí-Guaraní, é sensível à hierarquia de pessoa (cf. RODRIGUES, 1990). Ou seja, a primeira pessoa é mais alta do que a segunda pessoa, a segunda pessoa é mais alta do que a terceira pessoa focal e, por fim, a terceira pessoa focal é mais alta do que a terceira pessoa não focal. Acompanhando intuição de Rodrigues (1990), e seguindo Duarte (2007), podemos formalizar esta hierarquia, para o Tenetehára, da seguinte maneira.

- (2) $1 > 2 > 3_{+FOC} > 3_{-FOC}$

De acordo com Duarte (2007), a sensibilidade à hierarquia de pessoa faz com que, nos contextos em que o sujeito é mais alto do que o objeto na hierarquia de pessoa, o verbo aciona a série de prefixos nominativos para codificar o sujeito. Entretanto, quando o objeto é mais alto na hierarquia de pessoa, o verbo aciona os prefixos absolutivos para codificar o seu objeto. Veja os exemplos, retirados de Duarte (2007, p. 58-59), que se seguem.

Sistema Nominativo (A > O)

(3a) *ihe a-duka-rəm amo-a*
 eu 1-matar-FUT outro-ARG
 “Eu matarei outro (=macaco)”

(3b) *ne re-duka-rəm amo-a*
 tu 2-matar-FUT outro-ARG
 “Tu matarás outros (=macaco)”

(3c) *aʔe u-duka-rəm amo-a*
 ele 3-matar-FUT outro-ARG
 “Ele matará outro (=macaco)”

Sistema Absolutivo (O > A)

(4a) *he=ϕ-duka-rəm dawar*
 eu=ABS-matar onça
 “A onça me matará”

(4b) *ne=ϕ-duka-rəm dawar*
 tu=ABS-matar onça
 “A onça te matará”

Os exemplos em (3) ilustram o contexto em que o sujeito é mais alto do que o objeto na hierarquia de pessoa, conforme (2); por isso, os prefixos que se realizam no radical verbal (respectivamente, a saber: *a-*; *re-*; *u-*) fazem parte dos marcadores nominativos. Por sua vez, os dados em (4) ilustram o contexto em que o objeto é mais alto do que o sujeito; portanto, os prefixos absolutivos (neste caso, o prefixo ϕ -) são acionados no predicado verbal.

3.2. Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo

Duarte (2007) também mostra que a língua Tenetehára possui cisão de Caso condicionada pela natureza do verbo. Por um lado, o sujeito (A) de verbo transitivo se alinha com o sujeito (Sa) de verbo inergativo; por outro lado, o objeto (O) de transitivo se alinha com o sujeito de verbo inacusativo (deadjetival). Veja os exemplos a seguir que ilustram este alinhamento.

Sistema Nominativo (A = Sa)

(5a) *ihe a-esak dawar*
 eu 1-ver onça
 “Eu vi a onça”

(5b) *ne re-(e)sak dawar*
 tu 2-ver onça
 “Tu viste a onça”

(5c) *aʔe w-esak dawar*
 ele 3-ver onça
 “Ele viu a onça”

(6a) *ihe a-wata*
eu 1-caminhar
“Eu caminhei”

(6b) *ne re-wata*
tu 2-caminhar
“Tu caminhaste”

(6c) *a?e u-wata*
ele 3-caminhar
“Ele caminhou”

Podemos notar que, nos exemplos em (5), o verbo transitivo *esak* ‘ver’ recebe a série de marcadores nominativos, evidenciando que o sujeito codifica o Caso nominativo. Em (6), o verbo inergativo *wata* ‘caminhar’ aciona os mesmos marcadores nominativos, evidenciando que o sujeito codifica o Caso nominativo. Ou seja, os exemplos em (5) e (6) mostram o alinhamento entre sujeito de transitivos (A) e sujeito de inergativos (Sa).

Sistema Absolutivo (O = So)

(7a) *he=r-esak*
eu=ABS-ver
“(Algo) me viu”

(7b) *ne=r-esak*
tu=ABS-ver
“(Algo) te viu”

(8a) *he=r-uriwete*
eu=ABS-alegre
“Eu estou alegre”

(8b) *ne=r-uriwete*
tu=ABS-alegre
“Tu estás alegre”

Nos exemplos acima, por outro lado, vemos o alinhamento entre o objeto de verbos transitivos (O), como em (7), e o sujeito de verbos inacusativos deadjetivais (So), como em (8). Portanto, nos exemplos de (5) a (8), vemos que (A) se alinha com (Sa), por um lado, enquanto que (O) se alinha com (So), por outro lado.

3.3. Cisão condicionada pelo estatuto gramatical da oração

Duarte (2007) também argumenta que a língua Tenetehára possui cisão de Caso condicionada pelo estatuto gramatical da oração. Ou seja, nas orações principais, o sistema que emerge é o nominativo (quando o sujeito é mais alto na hierarquia de pessoa). Por sua vez, nas orações encaixadas, o sistema que emerge é o absolutivo. Veja os exemplos, retirados de Duarte (2007, p. 74-75), a seguir.

(9a) *w-enu* *Siba*
 3-ouvir Siba

dawar *kaʔi* *ϕ-duka* *mehe*
 onça macaco ABS-matar quando
 “Siba ouviu quando a onça matou o macaco”

(9b) *Sérgio* *w-esak*
 Sérgio 3-ver

dawar *he=ϕ-pihik* *mehe*
 onça eu=ABS-apanhar quando
 “Sérgio viu quando a onça me apanhou”

(10a) *w-esak* *Sérgio*
 3-ver Sérgio

tapiʔir *kaʔi* *r-aro* *mehe*
 anta macaco ABS-esperar quando
 “Sérgio viu quando a anta esperava o macaco”.

(10b) *Sérgio* *w-esak*
 Sérgio 3-ver

dawar *he=r-aro* *mehe*
 onça eu=ABS-esperar quando
 “Sérgio viu quando a onça me esperava”.

Como vimos anteriormente, o sistema nominativo emerge nas orações principais (quando o sujeito de transitivos é mais alto na hierarquia de pessoa). Por sua vez, nas orações encaixadas, como nos exemplos em (9) e (10), notamos que o sistema absolutivos surge. Ou seja, temos uma cisão condicionada pelo estatuto gramatical das orações.

Em suma, vimos nesta seção que a língua Tenetehára exibe cisão de sistema de Caso condicionada por três fatores dos quatro fatores apresentados por Dixon (1994), a saber:

- (11) i. natureza semântica do verbo (seção 3.1);
 ii. natureza semântica do NP (seção 3.2);
 iii. condição do tempo, do aspecto e do modo da oração (não ocorre na língua);
 iv. o estatuto gramatical das orações: oração principal ou subordinada (seção 3.3).

É necessário salientar que esses fatores estão relacionados diretamente. Na próxima seção, analisaremos o processo de causativização em Tenetehára para descrevermos como este processo de aumento de valência afeta o sistema de Caso na língua.

4. Mudança de valência verbal: causativização

De maneira geral, podemos assumir que, nas línguas naturais, um morfema causativo, quando se junta a uma base verbal, tem a propriedade gramatical de aumentar a valência de um verbo ao introduzir um novo argumento à sua grade argumental. Quando isso ocorre, o

novo argumento corresponde, em geral, a um sujeito com a propriedade semântica de agente. Ademais, duas situações podem ocorrer:

- (12) i. um verbo intransitivo transforma-se em transitivo;
ii. um verbo transitivo passa a ter três argumentos nucleares.

Em Tenetehára, os verbos podem se causativizar, aumentando a valência verbal em um argumento, por meio do acréscimo do prefixo {*mu-*} ou do sufixo {-(*u*)*kar*} à raiz. O prefixo {*mu-*}, em geral, aumenta a valência de verbos intransitivos, transformando-os em verbos transitivos. Por sua vez, o sufixo causativo {-(*u*)*kar*} se junta a verbos transitivos, transformando-os em verbos bitransitivos. A seguir, apresentamos a causativização de verbos deadjetivais (seção 4.1) e verbos transitivos (seção 4.2).

4.1. Causativização de verbos deadjetivais

Descritivamente, os verbos deadjetivais são caracterizados por selecionar um argumento na posição de sujeito com as propriedades semânticas² de [+ESTATIVO], como em (13a) ou [+AFETADO], como em (13b), e receber a séries de marcadores absolutivos { \emptyset - ∞ r-} e {i- ∞ h}, conforme os exemplos, retirados de Franesi (2006, p. 34), a seguir.

- (13a) *kwaharer i-tuaʔu*
criança ABS-velho
“A criança está crescida”

- (13b) *kwaharer i-tuaʔu i-ko*
criança ABS-velho ABS-estar
“A criança está crescendo”

Quando esses verbos deadjetivais são causativizados, o novo predicado transitivo passa a projetar dois argumentos nucleares. O sujeito, que é inserido pelo pela causativização, recebe as propriedades semânticas de [+DESENCADEADOR; +CONTROLE] e o objeto, que era o sujeito do verbo deadjetival inicial, recebe as propriedades semânticas de [+AFETADO].

Em termos semânticos, Seki (2000, p. 379) afirma que, para a língua Kamaiurá³, as “derivações resultantes de radicais descritivos [ou seja, deadjetivais] têm a significação ‘fazer ser X, tornar X’”.

Um fato interessante é que este verbo transitivo causativizado passa a acionar os prefixos nominativos ao invés dos prefixos absolutivos. Ou seja, quando o processo de causativização ocorre em um verbo deadjetival, o sistema de marcação de Caso é alterado, conforme ilustram os exemplos a seguir.

- (14a) *i-apuʔa*
ABS-redondo
“(Isto) é redondo” (BOUDIN, 1978, p. 35)

- (14b) *he \emptyset -duru a-mo-apuʔa*
minha C-boca 1-CAUS-redondo
“Eu faço minha boca ficar redonda” (BOUDIN, 1978, p. 140)

² Para a composição semântica, levamos em conta a proposta teórica de Cançado (2005).

³ A língua Kamaiurá pertence à família linguística Tupí-Guaraní.

- (15a) *tata h-aku*
fogo ABS-quente
“O fogo está quente” (BOUDIN, 1978, p. 55)
- (15b) *miŋaʔu a-mo-aku-ir*
mingau 1-CAUS-quente-NEG
“Eu faço esfriar o mingau” (BOUDIN, 1978, p. 139)
- (16a) *he=r-ahi*
eu=ABS-doente
“Eu estou doente” (BOUDIN, 1978, p. 18)
- (16b) *aʔe u-mo-ahi he ø-deʔeŋ*
ele 3-CAUS-doente minha C-fala
“Ele se sentiu ofendido com minhas palavras” (BOUDIN, 1978, p. 139)

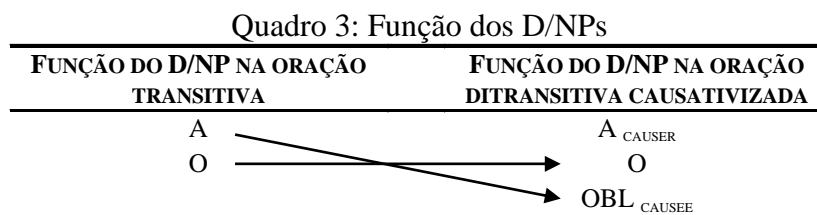
Nos exemplos de (14) a (16), vemos que os verbos deadjetivais em (a) acionam a série de prefixos absolutivos { \emptyset - ∞ r-} e {i- ∞ h}. Por sua vez, após a causativização, os novos verbos transitivos em (b) passam a acionar os prefixos nominativos. Ou seja, a causativização de verbos deadjetivais implica na mudança de sistema de Caso na língua Tenetehára.

4.2. Causativização de predicados transitivos

O sufixo causativo {-(u)kar} tem a propriedade de acrescentar um terceiro argumento a um predicado transitivo simples. Neste contexto, o argumento que ocupa a posição de sujeito passa a ocupar a posição de objeto posposicionado e um novo argumento é inserido na posição de sujeito. O objeto direto do verbo transitivo mantém sua função sintática inalterada após a causativização.

O argumento introduzido na posição de sujeito carregará as propriedades semânticas de [+DESENCADEADOR, +CONTROLE; -AFETADO]. O objeto manterá as propriedades semânticas de [+AFETADO]. E o sujeito do verbo transitivo inicial, promovido a oblíquo, receberá as propriedades semânticas de [+DESENCADEADOR; +CONTROLE; +AFETADO].

De acordo com Duarte e Camargos (2011), o processo de causativização dos verbos transitivos na língua Tenetehára pode ser assim descrito.



Fonte: Duarte e Camargos, 2011, p. 156

Os exemplos, a seguir, demonstram a causativização dos verbos transitivos simples por meio do morfema {-(u)kar}.

- (17) *Zwã u-duka tapiʔir*
João 3-matar anta
“João matou a anta”

- (18) *aʔe u-duka-ukar tapiʔir Zwã ø-pe*
 ele 3-matar-CAUS anta João C-por
 “Ele mandou João matar a anta”

No exemplo (17), o verbo *duka* ‘matar’ possui dois argumentos nucleares. O sujeito codifica o Caso nominativo e objeto codifica o Caso acusativo. Curiosamente, quando este verbo é causativizado, como em (18), o novo predicado *duka-ukar* ‘mandar matar’ seleciona três argumentos nucleares. Neste contexto, o sujeito *Zwã* ‘João’ em (17) é promovido à posição de objeto posposicionado em (18) – a posposição *ø-pe* ‘por’ licencia o Caso oblíquo a este DP. Um novo sujeito *aʔe* ‘ele’ é inserido na estrutura argumental em (18). O objeto *tapiʔir* ‘anta’ mantém sua função sintática após a causativização.

É interessante ressaltar que o morfema causativo $\{- (u)kar\}$ também pode se juntar a verbos transitivos previamente causativizados pelo prefixo $\{mu-\}$. De modo geral, as relações morfossintáticas e semânticas são as mesmas, conforme podemos visualizar nos exemplos a seguir.

- (19) *Genildo u-mu-puk kaʔa*
 Genildo 3-CAUS-barulhar folha
 “Genildo faz a folha barulhar”

- (20) *Josiane u-mu-pu-kar Genildo ø-pe*
 Josiane 3-CAUS-barulhar-CAUS Genildo C-por
 “Josiane faz Genildo fazer a folha barulhar”

Nos exemplos em (19) e (20), o verbo transitivo causativizado *mu-puk* ‘fazer barulhar’ possui dois argumentos nucleares. Após a causativização, um terceiro argumento é inserido na estrutura argumental do verbo *mu-pu-kar* ‘mandar fazer barulhar’. As alterações das funções sintáticas se realizam tendo em vista o que foi resumido no Quadro 3 logo acima.

Por fim, em termos descritivos e seguindo a proposta de Cançado (2005) sobre as propriedades semânticas dos argumentos, podemos propor que o novo argumento inserido pelo processo de causativização, através do prefixo $\{mu-\}$ ou por meio do sufixo $\{- (u)kar\}$, recebe a seguinte composição semântica: [+DESENCADEADOR; +CONTROLE]. Enfim, propomos neste trabalho que as propriedades semânticas dos argumentos inseridos pelo processo de causativização devem ser notadas conforme o Quadro 4.

Quadro 4: Propriedades semânticas dos argumentos inseridos pela causativização

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS	MORFEMA $\{mu-\}$	MORFEMA $\{- (u)kar\}$
Desencadeador	+	+
Controle	+	+
Afetado	-	-
Estativo	-	-

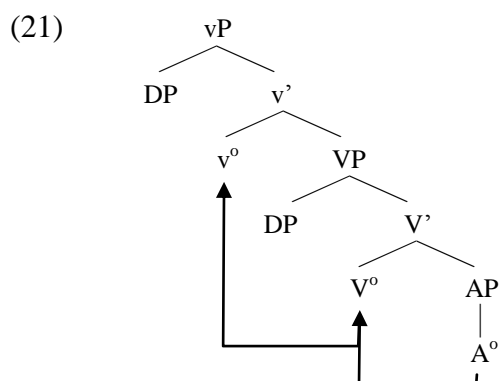
Consequentemente, por causa dessa causativização, os sujeitos originais de predicados intransitivos e transitivos são demovidos de sua posição para a função de objeto e de oblíquo, respectivamente, tendo suas funções semânticas alteradas. De modo geral, assumimos que o argumento demovido ganha o traço de [+AFETADO].

5. Proposta teórica: estrutura argumental

Nesta seção, analisaremos o processo de aumento de valência verbal à luz das propostas teóricas de Larson (1988), Chomsky (1995), Hale e Keyser (1993, 2002) e Pylkkänen (2002) a fim de dar um estatuto teórico para a causativização. Começamos nossa análise do morfema causativo {*mu-*}.

5.1. Morfema causativo {*mu-*}

Seguindo Larson (1988), Chomsky (1995) e Hale e Keyser (1993, 2002), propomos que a estrutura bipartida do VP é a representação arbórea dos predicados transitivos causativizados em Tenetehára. Apresentamos em (21) a representação da estrutura de verbos transitivos em Tenetehára que tem como base verbos deadjetivais.



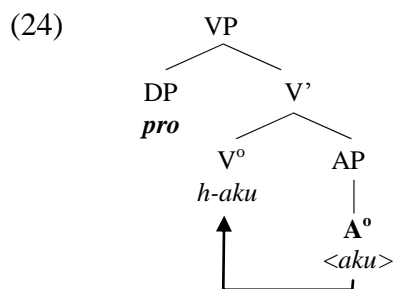
De acordo com Hale e Keyser (2002), os verbos deadjetivais, que denotam mudança de estado, possuem geralmente em sua base raízes adjetivais, como em (21). De forma que, por meio da operação *conflation*, um determinado núcleo A^0 se junta ao núcleo V^0 para formar o verbo deadjetival. Posteriormente, este verbo intransitivo pode se juntar ao núcleo causativo v^0 , conforme ilustra a derivação lexical acima.

Para dar conta da estrutura em (21), adotaremos a proposta de Duarte e Castro (2010, p. 52), segundo a qual, em Tenetehára, “esse prefixo [causativo {*mu-*}] possui a propriedade de aumentar a valência de verbos [...] descritivos [i.e. deadjetivais], transformando-os em predicados transitivos.” Duarte e Castro (2010, p. 53) ilustram este processo com o exemplo em (22) e (23).

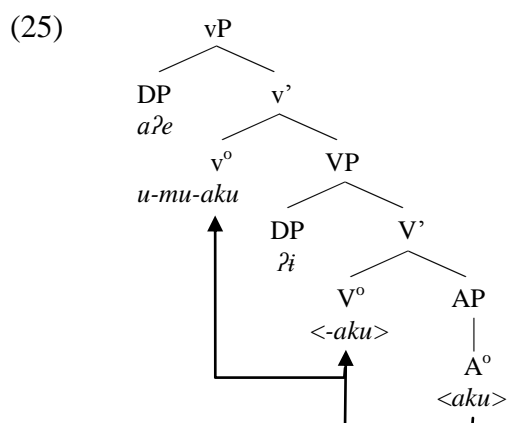
(22) *h-aku*
3-quente
“Ela (a água) está quente”

(23) *aʔe u-mu-aku-putar ʔi nehe*
3 3-CAUS-quente-DESID água FUT
“Ele deseja fazer a água ficar quente” (Duarte e Castro, 2010, p. 53)

Podemos notar que em (22) o adjetivo *aku* ‘quente’ sofre o processo de *conflation* com o núcleo V^0 , resultando no verbo deadjetival *aku* ‘estar quente’, conforme ilustra a derivação em (24).



Já em (23), o verbo deadjetival *aku* ‘estar quente’ sofre novo processo de *conflation* com o núcleo causativo v^0 , resultando então no verbo transitivo *mu-aku* ‘fazer ficar quente’, conforme ilustra a derivação em (25)⁴.



Em suma, em (24) temos um verbo deadjetival, que c-seleciona apenas um argumento nuclear. Já em (25), temos um verbo transitivo, que c-seleciona dois argumentos nucleares. Portanto, quando ocorre causativização, o núcleo causativo v^0 apresenta uma estrutura diádica. Nesta estrutura, o núcleo causativo v^0 introduz o argumento externo [+DESENCADEADOR; +CONTROLE] e seleciona a predicação representada pela estrutura VP.

5.2. Morfema causativo {-*(u)kar*}

Por sua vez, como vimos, o morfema causativo {-*(u)kar*} se afixa a verbos transitivos para inserir um terceiro argumento na predicação verbal. Para tanto, levaremos em consideração os exemplos a seguir.

(26) *Genildo* *u-mu-puk* *ka?a*
 Genildo 3-CAUS-barulhar folha
 “Genildo faz a folha barulhar”

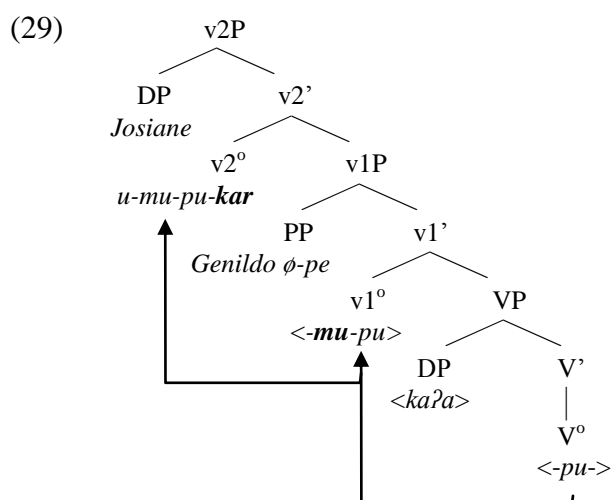
(27) *Josiane* *u-mu-pu-kar* *Genildo* \emptyset -*pe*
 Josiane 3-CAUS-barulhar-CAUS Genildo C-por
 “Josiane faz Genildo fazer a folha barulhar”

⁴ Para a derivação lexical em (25), não alocamos na estrutura os itens *-putar* e *nehe* para que a estrutura esteja o mais simplificada possível, sem, com certeza, prejudicar a explanação.

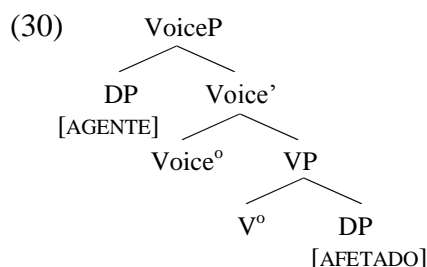
Pode-se notar nos exemplos acima que há dois processos consecutivos de causativização. O primeiro encabeçado pelo morfema {*mu-*} e o segundo nucleado pelo morfema {-(*u*)*kar*}. Para dar conta de dados como esse, seguindo a proposta da estrutura bipartida do VP de Larson (1988), temos que estipular que duas projeções vP sejam projetadas, da seguinte maneira:

- (28) i. a primeira projeção máxima v1P, imediatamente acima do VP, tem como núcleo o morfema causativo {*mu-*};
 ii. a segunda projeção máxima v2P, imediatamente acima do v1P, tem como núcleo o morfema causativo {-(*u*)*kar*}.

Tendo em vista os pressupostos em (28), propomos que a sentença em (27) tenha a seguinte estrutura configuracional em (29).



A fim de aperfeiçoar a proposta acima, adotamos ainda, neste trabalho, os pressupostos teóricos de Pylkkänen (2002), segundo a qual, seguindo Kratzer (1996), o domínio funcional de verbos transitivos de ação deve conter um núcleo Voice^o. Este núcleo mantém uma relação composicional com o evento causado (VP) e uma relação temática ao introduzir um argumento externo com as propriedades semânticas de agente. Tal relação pode ser mapeada na sintaxe da seguinte maneira⁵:



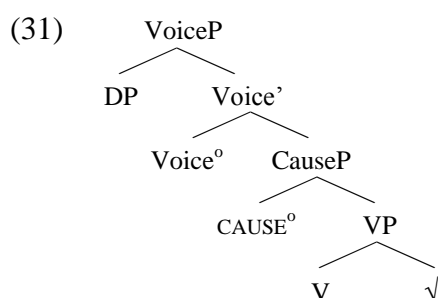
Para dar conta de dados como em (26) e (27), Pylkkänen (2002) propõe ainda que todas as construções causativas devem necessariamente envolver um núcleo CAUSE^o, cuja

⁵ É necessário ressaltar que a projeção máxima VoiceP, adotada por Kratzer (1996), corresponde à projeção máxima vP, adotada por Chomsky (1995). Contudo, esses dois rótulos se diferem quanto às suas acepções teóricas.

função principal é a de introduzir o evento da causação. Para tal, Pylkkänen (2002) dissocia o núcleo CAUSE^o do núcleo Voice^o.

A consequência que exemplos como (26) e (27) trazem para a estrutura argumental dos verbos causativos é que CAUSE^o apenas introduz o evento da causação (leitura causativa), enquanto Voice^o introduz o argumento externo (que é, ao fim das contas, o aumento de valência). Veja que a proposta de Pylkkänen (2002) é mais refinada do que a estrutura bipartida do VP de Larson (1988), uma vez que a projeção vP não dá conta de especificar estes dois níveis, a saber: VoiceP e CAUSEP.

Tomando por base a existência do núcleo CAUSE^o, assumiremos, doravante, que a estrutura argumental das construções causativas em Tenetehára tem que possuir a seguinte configuração sintática:



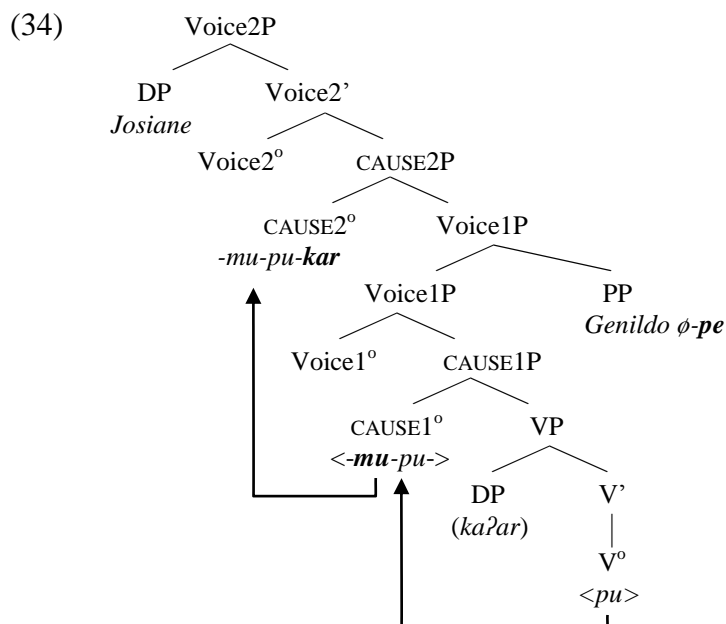
O trabalho de Pylkkänen (2002) ganha destaque adicional devido a sua proposta de núcleo causativo. A autora argumenta que há nas línguas naturais três tipos distintos de núcleos causativos, a saber:

- (32)
- i. CAUSE^o que seleciona como complemento uma raiz;
 - ii. CAUSE^o que seleciona como complemento um VP;
 - iii. CAUSE^o que seleciona como complemento um vP fásico.

O interessante é que a língua Tenetehára traz evidências empíricas a favor da proposta de Pylkkänen (2002). Nessa língua, temos dois tipos de núcleos causativos. O morfema {*mu-*} se realiza fonologicamente no núcleo CAUSE^o, que seleciona como complemento VP (i.e. verbos intransitivos). O morfema {-(*u*)kar} se realiza fonologicamente no núcleo CAUSE^o, que seleciona como complemento vP fásico (i.e. verbos transitivos). Ainda não constatamos em Tenetehára a existência de um núcleo CAUSE^o, que seleciona como complemento uma raiz.

Enfim, para dar conta de dados como (27), repetido abaixo como (33), por exemplo, assumiremos que, ao longo da derivação sintática, o verbo intransitivo *puk* ‘barulhar’ se junta ao morfema causativo {*mu-*} para gerar o verbo transitivo *mu-puk* ‘fazer barulhar’. Posteriormente, o verbo transitivo *mu-puk* ‘fazer barulhar’ se junta ao morfema {-(*u*)kar} para formar o verbo bitransitivo em (33). Esta derivação pode ser demonstrada em (34).

- (33)
- | | | | |
|----------------|----------------------|----------------|-------------------------|
| <i>Josiane</i> | <i>u-mu-pu-kar</i> | <i>Genildo</i> | \emptyset - <i>pe</i> |
| Josiane | 3-CAUS-barulhar-CAUS | Genildo | C-por |
- “Josiane faz Genildo fazer a folha barulhar”



6. Conseqüências para o sistema de Caso

6.1. Causativização de verbos deadjetivais

Como vimos na seção 3, a língua Tenetehára sofre cisão do sistema de Caso condicionada pela natureza semântica do verbo, da seguinte forma: o sujeito de verbos transitivos se alinha com o sujeito de verbos inergativos, enquanto que o objeto de verbos transitivos se alinha com o sujeito de verbos inacusativos deadjetivais.

Nota-se no exemplo em (35) que o verbo deadjetival *aku* ‘estar quente’ licencia o Caso absolutivo ao seu sujeito *tata* ‘fogo’. A evidência empírica desse licenciamento é a ocorrência do prefixo absolutivo {*h-*} na raiz verbal. Para fins de comparação, veja que, no exemplo (36), o verbo inergativo *wata* ‘caminhar’ licencia o Caso nominativo ao seu sujeito. A evidência desse último é a ocorrência do prefixo nominativo {*u-*} na raiz verbal intransitiva. Ou seja, o contraste entre (35) e (36) mostra que o verbo deadjetival licencia o Caso absolutivos ao seu sujeito, enquanto que o verbo inergativo licencia o Caso nominativo ao seu sujeito. Ou seja, ocorre cisão do sistema de Caso entre (So) e (Sa).

(35) *tata h-aku*
 fogo ABS-quente
 “O fogo está quente” (BOUDIN, 1978, p. 55)

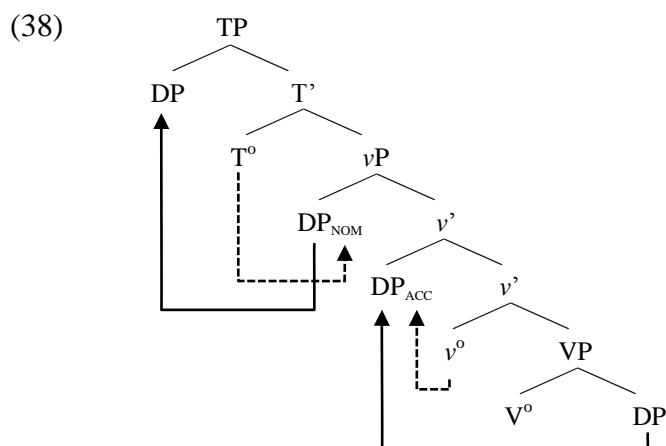
(36) *a?e u-wata*
 ele 3-caminhar
 “Ele caminhou”

O interessante é que os verbos deadjetivais, que originalmente licenciam o Caso absolutivo ao seu sujeito, como em (35), quando sofrem o processo de causativização, passam a licenciar o Caso nominativo ao seu novo sujeito, como em (37). O objeto, por sua vez, aciona o Caso acusativo. Este fenômeno pode ser visualizado a seguir.

- (37) *miŋaʔu a-mo-aku-ir*
 mingau 1-CAUS-quente-NEG
 “Eu faço esfriar o mingau” (BOUDIN, 1978, p. 139)

Em (37), o verbo *aku* ‘estar quente’ recebe o morfema causativo {*mu-*}, aumentando a valência verbal em um argumento. Portanto, o Caso absolutivo deixa de ser atribuído ao sujeito em detrimento do acionamento do parâmetro Nominativo-Acusativo.

No âmbito da Teoria de Caso, o sistema Nominativo-Acusativo emerge sempre que o núcleo de TP valorar o Caso do sujeito de verbos transitivos e intransitivos (quando a oração for finita e o núcleo T⁰ entrar na derivação sintática com o traço de Caso nominativo a valorar). Por sua vez, o Caso acusativo é valorado pelo núcleo v⁰. Esta proposta pode ser implementada da seguinte forma.



Ou seja, na estrutura configuracional em (38), o Caso nominativo é licenciado pelo núcleo T⁰ ao argumento externo de vP. Por sua vez, o Caso acusativo é licenciado pelo núcleo v⁰ ao argumento de VP.

Portanto, considerando os dados em (35) e (37) e a proposta em (38), este trabalho propõe que a causativização de verbos deadjetivais proporciona um ajuste no sistema de Caso em Tenetehára. Ou seja, os verbos deadjetivais necessariamente engatilham o paradigma Absolutivo. Contudo, quando são causativizados (i.e. tornam-se transitivos), passam a acionar o paradigma Nominativo-Acusativo, como em (38).

6.2. Causativização de verbos transitivos

Na seção 4 e 5, vimos também que, quando predicados transitivos recebem o sufixo causativo {-(*u*)kar}, um terceiro argumento é inserido na estrutura argumental. Vale ressaltar que o argumento que ocupa a posição de sujeito passa a ocupar a posição de adjunto e um novo argumento é inserido na posição de sujeito. O objeto direto do verbo transitivo mantém sua função sintática inalterada após a causativização. Observe os exemplos a seguir:

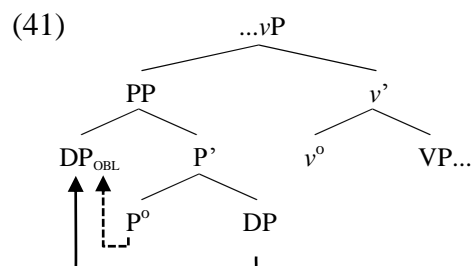
- (39) *Zwã u-duka tapiʔir*
 João 3-matar anta
 “João matou a anta”

- (40) *aʔe u-duka-ukar tapiʔir Zwã ø-pe*
 ele 3-matar-CAUS anta João C-por
 “Ele mandou João matar a anta”

Em (39), o verbo *duka* ‘matar’ seleciona dois argumentos nucleares. Para dar conta de exemplos como esse, adotamos a estrutura configuracional em (38), de modo que o sujeito *Zwã* ‘João’ aciona o Caso nominativo licenciado pelo núcleo T^0 , e, por sua vez, o objeto *tapi?ir* ‘anta’ aciona o Caso acusativo licenciado pelo núcleo v^0 , satisfazendo o Filtro de Caso.

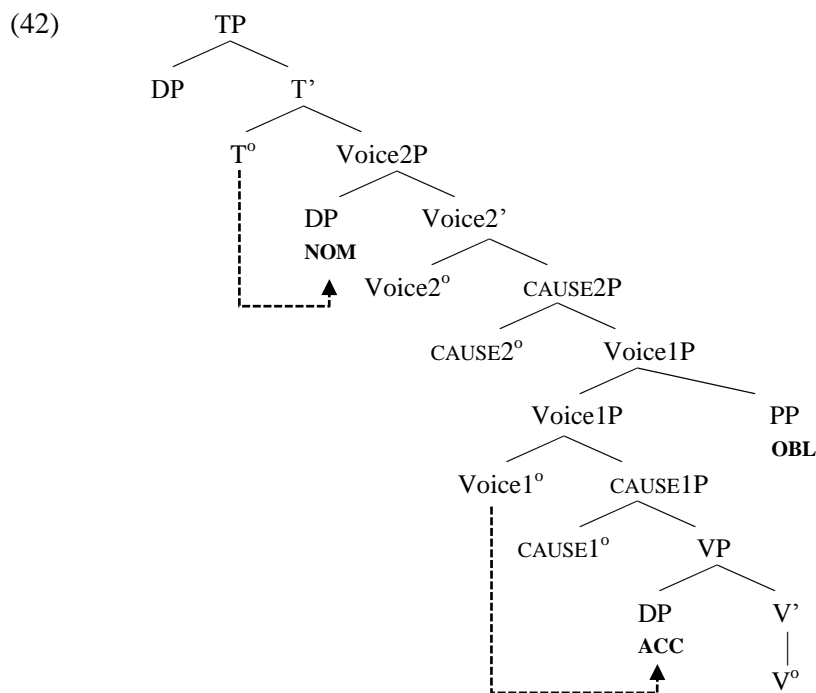
Entretanto, em (40), após o processo de causativização, o novo radical verbal *duka-ukar* ‘mandar matar’ passa a projetar três argumentos nucleares. O sujeito *a?e* ‘ele’, que é o novo argumento inserido após a causativização, aciona o Caso nominativo, licenciado pelo núcleo de TP. O objeto *tapi?ir* ‘anta’ aciona o Caso acusativo, licenciado pelo núcleo de vP. Estes dois argumentos tem seu Caso licenciado conforme a proposta em (38).

O interessante é que o objeto *Zwã* ‘João’, que era o sujeito do verbo transitivo inicial, não pode mais receber o Caso nominativo, já que esse Caso já foi checado pelo novo argumento. Por isso, o DP *Zwã* deve ser demovido de sua posição básica para a posição de oblíquo para receber o Caso da posposição *ø-pe* ‘por’. Este argumento deve ser promovido a oblíquo para satisfazer o Filtro de Caso, uma vez que, se isso não ocorresse, ele ficaria sem receber Caso abstrato na sintaxe. Portanto, propomos, neste trabalho, que o mecanismo de licenciamento desse Caso oblíquo, em contexto de predicados bitransitivos causativizados, ocorre conforme a configuração a seguir.



Vemos que, em (41), o argumento externo de vP é incapaz de codificar os Casos nominativo ou acusativo, já que esses Casos já foram checados na estrutura argumental, em contexto de predicado bitransitivo causativizado. A fim de satisfazer o Filtro de Caso, este argumento é promovido a oblíquo, de forma que a posposição *ø-pe* ‘por’ licencie o Caso abstrato oblíquo.

Portanto, a proposta deste trabalho é que os predicados bitransitivos causativizados tenham a estrutura configuracional em (42). Nesta configuração, o núcleo T^0 licencia o Caso nominativo ao argumento externo inserido pela causativização, em que o morfema $\{-(u)kar\}$ encabeça o núcleo de vP. O núcleo v^0 licencia o Caso acusativo ao argumento interno de VP. E, por fim, o argumento externo de vP da estrutura transitiva inicial, para satisfazer o Filtro de Caso, tem seu argumento demovido para a posição de oblíquo, para receber o Caso abstrato da posposição *ø-pe*.



7. Considerações finais

No âmbito da teoria gerativa e da tipologia linguística, de acordo com Duarte (2007), vimos que a língua Tenetehára (da família linguística Tupí-Guaraní) exibe cisão no sistema de Caso, chamado de *split-ergativity*. Nesse sistema, o sujeito (A) de transitivos alinha-se com o sujeito (Sa) de inergativos, por um lado, e o objeto (O) de transitivos alinha-se com o sujeito (So) de verbos deadjetivais, por outro lado.

Vimos também que, nos termos de Dixon (1994), a língua Tenetehára exibe cisão de sistema de Caso condicionada por três fatores, a saber: (i) natureza semântica do verbo; (ii) natureza semântica do NP; e, por fim, (iii) o estatuto gramatical das orações: oração principal ou subordinada.

Nesta língua, observamos que os verbos podem se causativizar, aumentando a valência verbal em um argumento, por meio do acréscimo do prefixo {*mu-*} ou do sufixo {*-(u)kar*} à raiz. O prefixo {*mu-*}, em geral, aumenta a valência de verbos intransitivos, transformando-os em verbos transitivos. Por sua vez, o sufixo causativo {*-(u)kar*} se junta a verbos transitivos, transformando-os em verbos bitransitivos.

Considerando as causativizações de verbos deadjetivais, propomos, neste trabalho, que este processo proporciona um ajuste no sistema de Caso em Tenetehára. Ou seja, os verbos deadjetivais necessariamente assumem o paradigma Absolutivo. Contudo, quando são causativizados, estes verbos tornam-se transitivos, passando a acionar o paradigma Nominativo-Acusativo.

De igual modo, propomos que os predicados bitransitivos causativizados tenham a seguinte configuração: o núcleo T° licencia o Caso nominativo ao argumento externo inserido pela causativização (nucleado pelo morfema {*-(u)kar*}). O núcleo v° licencia o Caso acusativo ao argumento interno de VP. E, por fim, o argumento externo de vP da estrutura transitiva inicial, para satisfazer o Filtro de Caso, tem seu argumento demovido para a posição de oblíquo, para receber o Caso abstrato da posposição *ø-pe*.

Enfim, o processo de causativização em Tenetehára implementa dois ajustes no sistema de Caso, a saber: (i) a mudança de sistema Absolutivo para Nominativo-Acusativo (na causativização de deadjetivais); e (ii) a demissão do sujeito (Caso nominativo) para a posição de oblíquo (na causativização de transitivos).

Referências

- BAKER, Mark C. **Incorporation: a theory of grammatical function changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BENDOR-SAMUEL, David. **Hierarchical structures in Guajajara**. Norman: Summer Institute of Linguistics, 1972.
- BOUDIN, Max H. **Dicionário de Tupí Moderno**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humana, 1978.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. **Para onde foram os adjetivos em Tenetehára?** 2010. 60f. Monografia (Bacharel em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. **DELTA**, v.21, n.1, p. 23-56, 2005.
- CASTRO, Ricardo Castro. **Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára**. 2007. 81f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- DIXON, R. M. W. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DIXON, R. M. W. Where have all the adjectives gone? **Studies in Language**, v.1, p. 19-80, 1977.
- DUARTE, Fábio Bonfim. **Análise gramatical das orações da Língua Tembé**. 1997. 85f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.
- DUARTE, Fábio Bonfim. **Estudos de morfossintaxe Tenetehára**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.
- DUARTE, Fábio Bonfim. **Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria**. 2003. 192p. Tese (Doutor em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Propriedades denotacionais dos prefixos {i- ~ h-} em Tenetehára. **Revista de Estudos Linguísticos/GEL**, Campinas, Unicamp, 2005.
- DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda (Org.). **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011. v. 3. p. 147-162.
- DUARTE, Fábio Bonfim; CASTRO, Ricardo Castro. Incorporação nominal, inergatividade e estrutura causativa em Tenetehára. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (Orgs.). **Línguas e culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2010. v. 2. p. 43-61.
- FRANESI, J. M. S. **Corpus da língua Guajajára**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 37p. Não publicado.

HALE, Kenneth.; KEYSER, S. Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Kenneth.; KEYSER, S. Jay (Orgs.) **The view from building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993.

HALE, Kenneth.; KEYSER, S. Jay. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Cambridge: MIT Press, 2002.

KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 109-137.

LARSON, Richard K. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, p. 335-391, 1988.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments**. Cambridge: MIT Press, 2008.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments**. Ph.D. thesis, Massachusetts Institute of Technology, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em Línguas Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda (Orgs.). **Estudos sobre Línguas Indígenas**. Belém: UFPA/GTLI, 2001. p. 87-100.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do Verbo Tupi. **Letras**, v.1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. You and I=neither you nor I: The personal system of Tupinambá. In: PAYNE, Doris L. (Orgs.). **Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 393-405.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: língua do Tupí-Guaraní do Alto Xingu**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

Abreviaturas

1	Prefixo de primeira pessoa	FUT	Partícula que marca futuro
2	Prefixo de segunda pessoa	G	Prefixo genérico
3	Prefixo de terceira pessoa	INCL	Inclusivo
A	Sujeito de transitivos	INTS	Intensificador
ABS	Caso absoluto	NC	Prefixo de não contiguidade
ARG	Sufixo que marca posições argumentais	NEG	Afixo de negação
AUM	Aumentativo	NOML	Nominalizador
C	Prefixo de contiguidade	O	Objeto de transitivos
CAUS	Causativo	PASS	Partícula que marca passado
COMP	Complementizador	PL	Plural
CORR	Prefixo correferencial	RED	Reduplicante
DESID	Desiderativo	Sa	Sujeito de inergativos
DIM	Diminutivo	SG	Singular
ENF	Enfático	So	Sujeito de inacusativos
EXCL	Exclusivo		(deadjetivais)
FOC	Foco		